

CONCLUSÃO FINAL

Chegando ao final desta tese, pude notar como é rico o estudo do tema da liberdade cristã. Mais ainda em se tratando de uma pesquisa feita nas obras de dois grandes teólogos como santo Agostinho e J. L. Segundo. Não é necessário repetir aqui os elementos característicos das abordagens feitas pelos autores, visto que muitas observações já foram apresentadas nos capítulos com suas respectivas sínteses finais, bem como nas introduções e conclusões de cada uma das três partes da tese. Neste momento conclusivo do trabalho de pesquisa, desejo apenas fazer as considerações finais pertinentes ao trabalho de pesquisa.

A partir do ponto de vista que lhe é próprio, santo Agostinho faz uma reflexão que permanece muito atual. Sua visão realista sobre os efeitos do pecado, sua ênfase na ação da graça divina e o ardor espiritual com que ele aborda a ação salvífica de Deus representam uma fonte inspiradora para a teologia. No entanto, há também as limitações do pensamento agostiniano que ficaram mais evidentes quando confrontado com o pensamento de J. L. Segundo.

A perspectiva segundiana ressaltou a riqueza dos dinamismos que precisam estar associados para o aprofundamento da experiência humana da liberdade. A importância da aprendizagem dos valores humanos, da interação do ser humano com o próximo e com as instituições da sociedade, foram alguns dos elementos importantes destacados por J. L. Segundo, como parte integrante da vivência da liberdade.

De um lado, o estudo da obra de Agostinho evidenciou a liberdade como dom de Deus, como dom inerente à natureza humana e também como dom que é a libertação do pecado. Nesse processo de superação do pecado como condição para uma autêntica liberdade, Agostinho soube, como poucos, articular a imprescindível necessidade da atuação da graça divina com a iniciativa do ser humano a fim de agir por sua própria vontade, em busca da própria liberdade.

De outro lado, o estudo da obra de J. L. Segundo fez ver a liberdade como amadurecimento de múltiplas interações, que dão o contexto a partir do qual se estabelece a interlocução com Deus. Aliás, é neste sentido que J. L. Segundo mostra os ricos processos sociais e culturais mediante os quais, o ser humano se constitui num interlocutor livre na relação com Deus, integrando, nesta mesma

relação com Deus as demais relações do homem com seus semelhantes e com o cosmo em evolução.

Desta forma, Segundo ressalta que a autonomia do mundo criado, juntamente com a autêntica liberdade do ser humano são duas realidades, que se situam no campo de diálogo e inter-relações estabelecido pelo próprio Deus criador. Tanto o universo como o ser humano, (cada qual com seus próprios dinamismos, mas atuando reciprocamente como realidades inter-conectadas), tem sua integridade e sua própria autonomia diante desse Deus livre e amante da liberdade, que é o Deus de Jesus Cristo.

A confrontação das concepções de liberdade hauridas das obras de santo Agostinho e J. L. Segundo aponta para a riqueza de elementos e dinamismos presentes na experiência humana da liberdade. Neste sentido, a pergunta básica que motivou esta tese doutoral recebe uma resposta satisfatória, ainda que não seja a resposta última e definitiva sobre o assunto. De fato, a possibilidade de as respectivas concepções de liberdade de santo Agostinho e de J. L. Segundo se interpelarem mutuamente, (conforme a hipótese levantada na introdução geral desta tese), foi confirmada na argumentação feita nos capítulos apresentados. Mostrou-se nesta argumentação, como as abordagens feitas pelos dois autores fornecem elementos para um grande aprofundamento, inclusive com revisões conceituais, na compreensão habitualmente feita a respeito da liberdade.

O diálogo entre as perspectivas de santo Agostinho e de J. L. Segundo fornece orientações muito ricas para os movimentos pastorais, as paróquias, dioceses, repensarem e atualizarem a maneira de conceber a liberdade cristã. A complexidade da vivência humana da liberdade em seus múltiplos dinamismos e os desafios impostos pela vida nas sociedades contemporâneas ficaram evidentes, na argumentação de ambos os autores. Tal descoberta certamente enriquece a compreensão sobre o tema e contribui para a vivência da fé cristã nos dias de hoje. Assim, concluo este trabalho no desejo de que tenha sido uma modesta contribuição para a reflexão teológica e eclesial sobre a liberdade cristã, mas também com a esperança de que sejam estimulados muitos outros estudos, que possam aprofundar a consciência cristã e eclesial sobre esse tema tão importante.